

CGT quer debater plano de governo e política salarial com candidatos

por Cláudia Izique
do Rio

Dirigentes da CGT reúnem-se no próximo mês, em Belo Horizonte, para definir uma política salarial e um esboço de plano de governo, com o qual a entidade deverá sabatinar os presidenciáveis. O encontro entre trabalhadores e candidatos poderá ocorrer num congresso nacional, em Brasília, "desde que a proposta seja aprovada pelas regionais da CGT em todos os estados", diz Antônio Rogério Magri, presidente.

Magri afirma que a entidade, por ser plural, não apoiará nenhum nome, deixando à "instituição" dos trabalhadores a escolha dos candidatos mais afinados com as propostas e interesses da classe.

A redução da intervenção do estado na economia e livre iniciativa são princípios básicos do programa que a CGT poderá confeccionar. Pessoalmente, Magri não apoiaria Luiz Inácio Lula da Silva (PT) — "de jeito nenhum" —, por acreditar que o PT manteria o "elefantismo estatal", que tem de ser desmontado. Fernando Collor de Mello (PRN) tem a simpatia do presidente da CGT, "por sua clareza de posições, boa visão e por acenar com uma perspectiva moralizadora".

Magri critica o PT e a CUT por fazerem par num projeto que é político. "Um partido deve poder abandonar as propostas do sindicato, porque ele é parte de um processo. Os compromissos do sindicalismo são mais amplos", diz Magri. Ele considera que o PT faz um "discurso populista para ganhar segmentos em-



Antônio Rogério Magri

pobrecidos" e a CUT tem de fazer a mesma coisa, sob o risco de ficar desacreditada.

De qualquer forma, ele afirma que lutará para a unidade do movimento sindical. Sugere que as discussões entre líderes — como, por exemplo, os recentes confrontos entre Jair Meneguelli e Luiz Antônio de Medeiros — sejam feitas "num foro mais íntimo, talvez em torno de um garrafão de pinga", para não dilacerar o movimento.

Defendeu as investigações policiais no sindicato dos bancários do Recife — onde se apura a origem de uma bomba que detonou na mão de um bancário, nas últimas greves — para livrar o movimento de qualquer mácula: "Se as investigações confirmarem que a bomba foi confeccionada no sindicato, nos posicionaremos contra uma atitude que é imperdoável", diz Magri. Ele lembra que mesmo na CGT, que reúne 1,7 mil sindicatos, não é impossível aparecer "um fanático". Prefere esperar o resultado das investigações para posicionar-se.